

Ouvíamos tantos tipos de histórias sobre a guerra que parecia que ela estava acontecendo numa terra distante e desconhecida. Somente quando os refugiados passaram a cruzar nossa cidade começamos a perceber que, na verdade, a guerra

estava ocorrendo em nosso país. Famílias que haviam caminhado centenas de quilômetros relataram como seus parentes foram mortos e suas casas, queimadas.

Algumas pessoas se comoveram com aquilo e ofereceram um lugar para os refugiados

fi carem, mas a maioria recusou, dizendo que a guerra chegaria em algum momento até nossa cidade. As crianças dessas famílias não olhavam para nós e pulavam do chão ao menor ruído, como madeira sendo cortada ou pedras aterrissando

nos telhados de estanho, arremessadas por outras crianças que caçavam pássaros com estilingues. Os adultos que vinham junto com as crianças dessas zonas

de guerra perdiam-se em seus próprios pensamentos durante as conversas com os

mais velhos da minha cidade. Além do cansaço e da má nutrição, era evidente que

eles tinham visto alguma coisa que os atormentava, algo que nós nos recusaríamos

a aceitar se nos contassem tudo. Às vezes eu achava que as histórias contadas por

esses viajantes eram exageradas. As únicas guerras que eu conhecia eram as que

eu tinha lido nos livros ou visto em filmes como *Rambo: programado para matar*, e aquela da vizinha Libéria, sobre a qual eu tinha ouvido na rádio BBC. Minha imaginação, aos dez anos de idade, não tinha a capacidade de compreender o que

poderia ter roubado a felicidade dos refugiados.

Quando a guerra me alcançou pela primeira vez, eu tinha doze anos. Era janeiro de 1993. Saí de casa com Junior, meu irmão mais velho, e nosso amigo

Talloi, ambos um ano mais velhos que eu, e seguimos para a cidade de Matru Jong, para participar do show de talentos de uns amigos nossos. Mohamed, meu melhor amigo, não pôde ir porque naquele dia ele e o pai estavam consertando sua cozinha de teto de sapê.

Nós quatro tínhamos começado um grupo de rap e dança quando eu tinha oito anos. Fomos apresentados ao rap numa de nossas visitas a Mobimbi, um bairro onde

moravam os estrangeiros que trabalhavam para a mesma companhia americana que

meu pai. Nós sempre íamos a Mobimbi nadar em uma piscina, assistir a uma imensa

televisão colorida e olhar o pessoal branco que lotava a área de recreação para visitantes.

Uma noite apareceu na TV um vídeo com um bando de caras negros e jovens falando muito rápido. Nós ficamos lá sentados, embasbacados, tentando entender o

que os caras estavam dizendo. No final do vídeo, apareceram umas letras num canto

da tela, escrito "Sugarhill Gang, *Rapper's Delight*". Junior logo anotou aquilo num pedaço de papel. Depois disso, passamos a freqüentar o bairro quase todo fim de

semana para estudar aquele tipo de música na televisão. Nós não sabíamos o nome

daquilo naquela época, mas eu fiquei impressionado com o fato de que aqueles caras

negros saberem falar inglês tão rápido e em cima da batida.

Mais tarde, quando Junior foi para o ensino médio, ele fez amizade com alguns garotos que o ensinaram mais sobre música e dança estrangeiras. Nos feriados, ele me

trazia fitas cassete e ensinava a mim e aos meus amigos como dançar o que passamos

a conhecer como hip-hop. Eu amava os passos de dança, e gostava particularmente

de aprender as letras, porque eram poéticas e melhoravam meu vocabulário. Uma

tarde, o Pai veio para casa quando Junior, Mohamed, Talloi e eu estávamos aprendendo

os versos de “I Know You Got Soul”, de Eric B. & Rakim.

Ele ficou parado na porta da nossa casa de tijolo e telhado de zinco, rindo, e perguntou:

— Evocês lá entendem o que estão dizendo?

Esaiu de casa antes que Junior pudesse responder. Ele se sentou em uma rede debaixo da sombra de mangueiras, goiabeiras e laranjeiras e ligou o rádio no noticiário

da BBC.

— Isso é que é inglês bom, o tipo que vocês deviam estar ouvindo — ele gritou do quintal.

Enquanto o Pai escutava as notícias, Junior nos ensinava a mexer os pés de acordo com a batida. Nós movíamos alternadamente o pé direito e depois o esquerdo,

para frente e para trás, e simultaneamente fazíamos o mesmo com os braços, sacudindo o tronco e a cabeça.

— Esse passo se chama “homem correndo” — disse Junior.

Depois, nós praticamos os raps que tínhamos decorado. Antes de nos separarmos

para seguir com as tarefas noturnas de pegar água e limpar lanternas, dizíamos “Na paz, fi lho” ou “Fui!”, frases que havíamos pescado das letras de rap. Do lado de fora, começava a sinfonia de pássaros e grilos.

Numa manhã em que fomos a Matru Jong, enchemos nossas mochilas com cadernos

cheios de letras de músicas que estávamos aprendendo e nossos bolsos com fitas cassete de álbuns de rap. Naquele tempo usávamos jeans largos e, debaixo deles,

shorts de jogador de futebol e calças de moletom, para dançar. Debaixo das blusas de

manga comprida, colocávamos camisetas regata e malhas de jérsei. Usávamos três

pares de meia, que nós dobrávamos até embaixo para fazer nossos tênis parecerem

mais estufados. Quando fi cou quente demais durante o dia, tiramos algumas das roupas e colocamos sobre os ombros. O visual tinha estilo, e não fazíamos a menor

idéia de que esse jeito estranho de vestir nos favoreceria. Como pretendíamos voltar

no dia seguinte, não nos despedimos de ninguém nem contamos aonde iríamos. Não

sabíamos que estávamos saindo de casa para não voltar mais.

Para economizar dinheiro, decidimos andar os quase vinte e seis quilômetros até Mattru Jong. Era um dia lindo de verão, o sol não estava muito quente, nem a caminhada pareceu longa, porque íamos falando sobre todo tipo de coisas, caçoando

e correndo atrás uns dos outros. Levávamos uns estilingues, que usávamos para apedrejar pássaros e perseguir macacos que tentavam atravessar a principal

rua de terra. Paramos em vários rios para nadar. Num dos rios, que era cruzado por uma ponte, ouvimos um carro passar a distância e decidimos sair da água para

ver se era possível pegar uma carona. Eusaí antes de Junior e Talloi, e corri pela ponte com as roupas deles. Eles pensaram que poderiam me alcançar antes de o veículo chegar à ponte, mas, ao perceberem que seria impossível, começaram a correr de volta para o rio, e, justo quando estavam bem no meio da ponte, o veículo

os alcançou. As garotas que estavam sentadas na traseira riram e o motorista deu

uma buzina. Foi engraçado, e eles passaram o resto da viagem tentando me dar

o troco por aquilo, sem sucesso.

Chegamos em Kabati, a aldeia de minha avó, por volta das duas da tarde. Todo mundo conhecia minha avó como Mamie Kpana. Ela era alta e seu rosto comprido

combinava com suas belas maçãs do rosto e seus grandes olhos castanhos. Ela sempre

parava com as mãos nos quadris ou na cabeça. Olhando para ela, dava para ver

de quem minha mãe tinha herdado a pele escura bonita, os dentes extremamente

brancos e as dobrinhas translúcidas no pescoço. Meu avô, ou *kamor* — professor, como todos o chamavam —, era bem conhecido como estudioso da língua e da cultura árabes no local e como curandeiro na aldeia e fora dela.

Em Kabati, nós comemos, descansamos um pouco e começamos os últimos dez quilômetros de caminhada. Minha avó queria que passássemos a noite lá, mas

dissemos que voltaríamos no dia seguinte.

— Como é que aquele seu pai anda tratando vocês ultimamente? — ela perguntou,

em uma voz doce carregada de preocupação. — Por que vocês estão indo a Mattru Jong, se não é para estudar? E por que estão tão magrinhos? — ela seguiu

com o interrogatório, mas escapamos das perguntas. Ela nos acompanhou até o fim

da aldeia e observava enquanto descíamos o morro, trocando a bengala para a mão

esquerda para que pudesse acenar com a direita para nós, sinal de boa sorte.

Chegamos em Mattru Jong algumas horas depois e encontramos nossos amigos Gibrilla, Kaloko e Khalilou. Naquela noite fomos para a Bo Road, onde barracas vendiam comida na rua até tarde da noite. Compramos amendoim cozido e comemos

enquanto discutíamos o que fazer no dia seguinte, planejando ver o lugar do show de talentos e praticar. Ficamos no quarto com varanda da casa de Khalilou.

O quarto era pequeno e tinha uma cama minúscula, então nós quatro (Gibrilla e Kaloko tinham voltado para suas casas) dormimos na mesma cama, atravessados,

com os pés pendurados fora do colchão. Como era menor e mais baixinho que os outros garotos, consegui ajeitar melhor meus pés.

No dia seguinte, Junior, Talloi e eu ficamos na casa de Khalilou e esperamos nossos

amigos voltarem da escola por volta das duas da tarde. Mas eles voltaram mais cedo.

Eu estava limpando meus tênis e contando as fl exões que Junior e Talloi estavam fazendo,

competindo para ver quem conseguia fazer mais. Gibrilla e Kaloko entraram na varanda e se juntaram à competição. Talloi, com a respiração pesada e falando

devagar, perguntou por que tinham voltado cedo. Gibrilla explicou que os professores

disseram que os rebeldes haviam atacado Mogbwemo, nossa terra natal, e as aulas

tinham sido canceladas até segunda ordem. Paramos o que estávamos fazendo.

De acordo com os professores, os rebeldes haviam atacado as áreas de mineração

durante a tarde. A explosão repentina de tiros fez com que as pessoas corressem em todas as direções para salvar suas vidas. Pais correram de seus locais de trabalho

para dar de cara com casas vazias e nenhuma indicação de onde podiam estar suas famílias. Mães choravam enquanto corriam na direção de escolas e de rios e torneiras onde costumávamos buscar água, procurando seus filhos. Crianças corriam de volta para casa para procurar seus pais, que as procuravam pelas ruas.

Quando o tiroteio se tornou mais intenso, as pessoas desistiram de procurar seus parentes e fugiram da cidade.

— Esta cidade vai ser a próxima, segundo os professores — disse Gibrilla, levantando-se do chão de cimento.

Junior, Talloi e eu pegamos nossas mochilas e seguimos para o cais com nossos amigos. Lá havia pessoas chegando de diversas partes da zona de mineração. Alguns

nós conhecíamos, mas não sabiam do paradeiro das nossas famílias. Eles disseram

que o ataque havia sido repentino demais, muito caótico; que todos haviam fugido

em direções diferentes numa confusão total.

Por mais de três horas ficamos no cais, esperando ver nossas famílias ou falar com alguém que as tivesse visto. Mas não havia qualquer notícia deles, e depois

de

um tempo as pessoas que chegavam pelo rio não eram mais conhecidas nossas.  
O

dia parecia estranhamente normal. O sol navegou tranqüilamente entre as nuvens

brancas, os pássaros cantaram nas copas das árvores, as árvores dançaram ao vento

sossegado. Ainda não conseguia acreditar que uma guerra havia atingido nossa casa.

É impossível, pensei. Quando saímos de casa no dia anterior, não havia qualquer sinal de que os rebeldes estivessem por perto.

— O que vocês vão fazer? — Gibrilla nos perguntou.

Ficamos quietos por um tempo, e então Talloi quebrou o silêncio:

— Nós vamos voltar e ver se conseguimos encontrar nossas famílias antes que seja tarde demais.

Junior e eu balançamos a cabeça, concordando.

Três dias antes eu tinha visto meu pai voltar do trabalho caminhando devagar.

Seu capacete debaixo do braço e o rosto comprido suando debaixo do sol da tarde.

Eu estava sentado na varanda. Fazia algum tempo que não o via, já que uma outra

madrasta havia destruído nosso relacionamento outra vez. Mas naquele dia meu pai sorriu para mim enquanto subia os degraus. Ele examinou meu rosto, e sua boca estava prestes a dizer alguma coisa quando minha madrasta apareceu. Ele olhou para o outro lado e, em seguida, olhou para minha madrasta, que fingia não me ver. Eles entraram calmamente na sala. Eu segurei minhas lágrimas e saí da varanda para me encontrar com Junior no cruzamento onde esperávamos pela condução. Estávamos a caminho da casa da minha mãe, na cidade próxima,

a mais ou menos cinco quilômetros dali. Quando o Pai ainda pagava o colégio, íamos visitá-la nos finais de semana de feriados longos, e depois voltávamos para casa. Agora que ele se recusava a pagar, nós a visitávamos a cada dois ou três dias. Naquela tarde encontramos a Mãe no mercado e andamos juntos

enquanto ela comprava ingredientes para cozinhar para nós. Seu rosto estava apagado no começo, mas se acendeu assim que nos abraçou. Ela nos contou que

nosso irmãozinho, Ibrahim, estava na escola, e nós passaríamos para buscá-lo no

caminho de volta do mercado. Ela segurou nossas mãos enquanto caminhamos e de vez em quando olhava em volta, como se quisesse ter certeza de que ainda estávamos mesmo com ela.

Quando caminhávamos para a escola do nosso irmão, a Mãe se virou para nós e disse:

— Sinto muito não ter dinheiro suficiente para colocar vocês de novo na escola agora. Mas estou dando um jeito nisso. — Ela fez uma pausa e então perguntou:

— Como anda o pai de vocês esses dias?

— Parece que está bem. Eu o vi esta tarde — respondi. Junior não disse nada.

A Mãe olhou para ele direto nos olhos e disse:

— Seu pai é um bom homem e ele ama muito vocês. É só que ele tem atraído as madrastas erradas para vocês.

Quando chegamos à escola, nosso irmãozinho estava no pátio jogando futebol com os amigos. Ele tinha oito anos e jogava muito bem para a idade. Assim que nos viu, ele veio correndo, atirando-se em nós. Ele se mediu encostado em mim, para ver se tinha crescido mais que eu. A Mãe riu. O rostinho do meu irmão menor

brilhava, e havia suor nas dobrinhas em volta do pescoço, como as que minha mãe tinha. Nós quatro andamos até a casa da Mãe. Eu levei meu irmãozinho pela mão, e ele me contou sobre a escola e me desafiou para um jogo de futebol mais tarde. Minha mãe estava solteira e dedicava-se a cuidar de Ibrahim. Ela disse que ele às vezes perguntava pelo nosso pai. Quando Junior e eu estávamos na escola, ela levava Ibrahim para vê-lo algumas vezes, os dois sempre ficavam muito felizes

quando se encontravam. Minha mãe parecia perdida nessas lembranças, sorrindo

ao reviver aqueles momentos.

Dois dias depois dessa visita, nós saímos de casa. Enquanto esperávamos no cais em Mattru Jong, eu podia ver meu pai segurando seu capacete e voltando para casa

às pressas, e minha mãe chorando e correndo para a escola do meu irmãozinho. Senti como se tudo estivesse desmoronando.

Junior, Talloi e eu pulamos numa canoa e acenamos cheios de tristeza para nossos amigos enquanto a embarcação se afastava das margens de Mattru Jong.

Quando alcançamos o outro lado do rio, mais e mais pessoas estavam chegando apressadas. Começamos a andar, e uma mulher que carregava suas sandálias de

dedo na cabeça falou sem olhar para nós:

— Muito sangue foi derramado aonde vocês vão. Até mesmo os bons espíritos abandonaram aquele lugar.

Ela passou por nós. Nos arbustos ao longo do rio, vozes cansadas de mulheres imploravam, “*Nguwor gbor mu ma oo*”, Deus nos ajude, e gritavam os nomes de seus

filhos: “Yusufu, Jabu, Foday...” Vimos crianças andando sozinhas, sem camisa, em suas roupas de baixo, seguindo a multidão. “*Nya nje oo, nya keke oo*”, minha mãe,

meu pai, as crianças gritavam. Havia também cães correndo, no meio das pessoas

que ainda corriam, embora já estivessem longe do perigo. Os cães farejavam o ar,

procurando seus donos. Meu coração fi cou apertado.

Havíamos caminhado quase dez quilômetros e estávamos agora em Kabati, a vila da Avó. Estava abandonada. Tudo que sobrara eram pegadas na areia levando

à densa floresta que se espalhava além da aldeia.

Enquanto a noite se aproximava, as pessoas começaram a chegar da zona de mineração. Seus sussurros, os gritos das crianças pequenas procurando seus pais

perdidos, cansadas de caminhar, e o choro de bebês famintos substituíram o canto

de grilos e pássaros. Sentamos na varanda da Avó, esperando e ouvindo.

— Vocês acham que é uma boa idéia voltar para Mogbwemo? — Junior perguntou.

Mas, antes que qualquer um de nós tivesse chance de responder, um Volkswagen

roncou a distância, e as pessoas que andavam pela estrada correram para dentro dos arbustos. Nós também corremos, mas não chegamos muito longe. Meu

coração pulava e eu respirava forte. O veículo havia parado na frente da casa de minha avó e, de onde nós estávamos abaixados, pudemos ver que a pessoa dentro

do carro não estava armada. Quando nós e os outros emergimos dos arbustos, vimos um homem correr do assento do motorista para a calçada, onde vomitou sangue. Quando parou de vomitar, ele começou a chorar. Foi a primeira vez que vi um homem feito chorar como criança, e senti uma pontada no meu peito. Uma mulher colocou os braços em volta do homem e implorou para que se levantasse. Ele ficou de pé e caminhou até o furgão. Quando ele abriu a porta, uma mulher que se apoiava nela pelo lado de dentro caiu no chão. Seus ouvidos sangravam. As

pessoas cobriram os olhos de seus filhos.

No banco de trás havia outros três corpos, duas meninas e um menino, e seu sangue estava espalhado pelos assentos e pelo teto do furgão. Eu queria fugir do que estava vendo, mas não consegui. Meus pés ficaram dormentes e meu corpo inteiro congelou. Depois soubemos que o homem havia tentado escapar com a família e os rebeldes atiraram contra o carro, matando todos, menos ele. A única coisa capaz de consolá-lo, ao menos por alguns segundos, foi o que disse a mulher

que o abraçara e agora chorava com ele, que ao menos ele teria uma chance de enterrá-los. Ele sempre saberia onde estavam descansando, ela disse. Ela parecia saber mais sobre a guerra do que nós. O vento havia cessado e a luz do dia se rendia

à noite. No crepúsculo, mais gente passava pela aldeia. Um homem carregava seu

filho morto. Ele pensava que o menino ainda estava vivo. Estava coberto com o sangue do filho, e continuava a dizer enquanto corria:

— Vou levar você para o hospital, meu menino, e tudo vai ficar bem.

Talvez fosse preciso que ele se prendesse a falsas esperanças, já que o mantinham

fugindo do perigo.

Um grupo de homens e mulheres que havia sido atingido por balas perdidas veio correndo logo em seguida. A pele solta, pendendo de seus corpos, ainda continha

sangue fresco. Alguns só notaram que estavam machucados quando pararam de correr

e as pessoas apontaram para seus ferimentos. Alguns vomitaram e desmaiaram.

E senti náusea, e minha cabeça girava. Tive a sensação de que o chão se movia, e

as vozes das pessoas pareciam distantes de onde eu estava, tremendo.

A última tragédia que vimos naquela noite foi uma mulher que carregava um bebê nas costas. Corria sangue pelo seu vestido, deixando um rastro atrás dela.

Sua criança havia sido morta por tiros enquanto ela fugia. Para sua sorte, a bala não tinha atravessado o corpo do bebê. Quando ela parou onde nós estávamos, se sentou e pegou a criança. Era uma menina, e seus olhos ainda estavam abertos,

com um sorriso inocente no rosto. As balas podiam ser vistas saindo um pouco do corpo da criança, que estava começando a inchar e endurecer. A mãe agarrou a

criança e a ninou. Ela estava sofrendo demais, e em tal estado de choque, que não

conseguia derramar uma lágrima.

Junior, Talloi e eu nos olhamos e soubemos que deveríamos retornar a Mattru Jong, porque percebemos que não podíamos mais chamar Mogbwemo de casa e

que não havia qualquer chance de nossos pais ainda estarem lá. Alguns dos feridos

insistiam em dizer que Kabati era a próxima na lista dos rebeldes. Não queríamos estar lá quando os rebeldes chegassem.

Mesmo aqueles que não conseguiam andar direito procuravam dar o melhor de si para continuar se distanciando de Kabati. A cena da mulher e seu bebê continuavam

a me perturbar enquanto caminhávamos de volta a Matru Jong. Eu mal percebi o trajeto, e quando bebi água não senti qualquer alívio, embora estivesse com sede. Eu não queria voltar ao lugar de onde aquela mulher viera; os olhos do bebê mostravam claramente que tudo estava perdido.

— Faltavam dezenove anos para você nascer — é o que meu pai costumava dizer quando eu perguntava como era a vida em Serra Leoa depois da independência, em 1961.

Serra Leoa havia sido colônia britânica desde 1808. Sir Milton Margai se tornou o primeiro-ministro e governou o país sob a bandeira do Partido Popular de Serra Leoa (Sierra Leone Peoples Party — SLPP) até sua morte, em 1964. Seu meio-irmão, Sir Albert Margai, o sucedeu até 1967, quando Siaka Stevens, líder do partido conhecido

como Congresso de Todo o Povo (All People's Congress — APC), venceu a eleição, que foi sucedida por um golpe militar. Siaka Stevens retornou ao poder em 1968, e anos depois declarou que o país seria um Estado unipartidário, sendo o seu Congresso de Todo o Povo o único partido legal. Foi o começo da “política podre”, como meu pai costumava chamar aquilo.

Fiquei imaginando o que meu pai diria sobre a guerra da qual eu fugia agora.

Ouvi alguns adultos dizerem que aquela era uma guerra revolucionária, a liberdade

para o povo preso a um governo corrupto. Mas que tipo de guerra atira em civis inocentes, em crianças, naquela garotinha? Não havia ninguém para responder essas perguntas, e minha cabeça pesava com as imagens que eu levava comigo. Enquanto andávamos, fiquei com medo da estrada, das montanhas a distância, dos arbustos em cada um de seus lados.

Chegamos a Matru Jong naquela noite. Junior e Talloi explicaram aos nossos amigos o que tínhamos visto, enquanto eu permaneci quieto, ainda tentando decidir

se o que tinha visto era real. Naquela noite, quando finalmente o sono conseguiu

me

arrastar, sonhei que levava um tiro e que as pessoas passavam por mim correndo

sem me ajudar, como se estivessem todos fugindo para salvar suas próprias vidas.

Tentei rastejar para me proteger nos arbustos, mas de repente havia uma pessoa em cima de mim com uma arma. Não conseguia ver seu rosto por causa do sol. A pessoa apontou a arma para o meu ferimento de bala e puxou o gatilho. Acordei e toquei meu corpo, hesitante. Fui tomado pelo medo, já que não conseguia mais distinguir entre sonho e realidade.

Toda manhã em Matru Jong nós descíamos até o cais em busca de notícias de casa. Mas depois de uma semana a maré de refugiados daquela área diminuiu

e as notícias secaram. Tropas do governo estavam organizadas em Matru Jong, e

havam estabelecido postos de controle no cais e em outros pontos estratégicos por

toda a cidade. Os soldados estavam convencidos de que, se os rebeldes atacassem,

eles viriam através do rio, então montaram artilharia pesada lá e decretaram toque

de recolher às sete horas da noite, o que fazia nossas noites mais tensas, porque tínhamos que estar em casa cedo e não conseguíamos dormir.

Durante o dia, Gibrilla e Kaloko vinham nos ver. Nós seis sentávamos na varanda e discutíamos o que estava acontecendo.

— Não acho que essa loucura vá durar muito tempo — Junior dizia, tranquilo.

Ele me olhava como se quisesse garantir que logo estaríamos em casa outra vez.

— Vai durar provavelmente um mês ou dois.

Talloi olhava para o chão.

— Ouvi dizer que os soldados já estão a caminho para retirar os rebeldes das zonas de mineração — Gibrilla balbuciava. Concordávamos que a guerra era uma

fase transitória e não levaria mais que três meses.

Junior, Talloi e eu ouvíamos rap, tentando decorar as letras para não pensar

na situação. Naughty by Nature, LL Cool J, Run-D.M.C. e Heavy D & The Boyz; havíamos saído de casa levando só essas fi tas e as roupas do corpo. Lembro-me de me sentar na varanda ouvindo “Now That We Found Love”, de Heavy D & The Boyz, e observando as árvores na fronteira da cidade, que se moviam relutantes ao

sabor do vento fraco. As palmeiras adiante estavam paradas, como se aguardassem

alguma coisa. Fechei meus olhos e imagens de Kabati passaram pela minha cabeça.

Tentei afastá-las evocando memórias mais antigas da Kabati de antes da guerra. Havia uma fl oresta espessa num dos lados da aldeia onde minha avó morava e fazendas de café no outro. Um rio corria da fl oresta até os limites da cidade, passando pela área onde se concentravam as palmeiras e chegando a um pântano.

Acima do pântano, plantações de banana se espalhavam pelo horizonte. A principal

estrada de terra que passava por Kabati era trilhada por buracos e atoleiros onde os

patos gostavam de tomar banho durante o dia, e nos quintais das casas os pássaros

descansavam em mangueiras.

De manhã, o sol subia detrás da fl oresta. Primeiro, seus raios surgiam por entre folhas de árvores e, gradualmente, com o canto dos galos e pardais que vigorosamente

anunciavam a luz do dia, o sol dourado acomodava-se acima da fl oresta. Ao anoitecer,

macacos podiam ser vistos pulando de árvore em árvore na fl oresta, retornando aos locais onde dormiam. Nas fazendas de café, galinhas estavam sempre ocupadas

escondendo suas crias de falcões. Atrás das fazendas, palmeiras sacudiam sua folhagem ao vento. Às vezes avistava-se, no fi m da tarde, alguém que escalava uma

palmeira para colher sua seiva, que seria depois transformada em licor.

O entardecer terminava com o som de galhos se quebrando na fl oresta e de

arroz sendo triturado por pilões. O eco ressoava na aldeia, fazendo com que os pássaros voassem para lá e para cá chilreando. Grilos, rãs, sapos e corujas faziam

coro, todos chamando pela noite enquanto deixavam seus esconderijos. As cozinhas

das casas de sapê soltavam fumaça, e as pessoas chegavam das fazendas carregando

lampiões e às vezes tocos de madeira acesa.

“Devemos nos esforçar para ser como a lua.” Um ancião em Kabati sempre repetia essa frase para as pessoas que passavam por sua casa para buscar água,

caçar ou colher seiva nas palmeiras, e também aos que caminhavam de volta a suas fazendas. E me lembro de ter perguntado a minha avó o que o ancião queria

dizer com aquilo. Ela explicou que o ditado servia para lembrar as pessoas de se comportarem sempre da melhor maneira possível e serem boas umas com as outras. Ela disse que as pessoas sempre reclamam quando o sol as castiga demais

e está intoleravelmente quente, e também quando chove demais ou está frio. Mas,

ela falou, ninguém se queixa quando a lua brilha. Todos ficaram felizes e apreciam a

lua, cada um a seu modo. As crianças brincam com suas sombras sob a luz da lua,

as pessoas se juntam para contar histórias e dançar noite adentro. Muitas coisas boas acontecem quando a lua brilha. Essas são algumas das razões pelas quais devemos desejar ser como a lua.

— Você está com cara de fome. Vou te preparar uma mandioca — disse ela terminando a conversa.

Depois que minha avó me contou por que devíamos nos esforçar para sermos como a lua, passei a observá-la. Toda noite em que a lua aparecia no céu eu me deitava no chão e ficava quieto, olhando para ela. Queria descobrir por que era tão

atraente e adorada. Fiquei fascinado com os diferentes desenhos que distinguia

dentro da lua. Certas noites eu conseguia ver a cabeça de um homem. Ele tinha uma  
barba de tamanho mediano e usava um chapéu de marinheiro. Noutras ocasiões eu via um homem com um machado cortando madeira, e às vezes uma mulher ninando um bebê no peito. Sempre que tenho uma chance de observar a lua agora,  
ainda vejo as mesmas imagens que enxergava quando tinha seis anos, e me agrada  
saber que aquela parte da minha infância ainda está guardada em mim.

2

Estou empurrando um carrinho de mão enferrujado numa cidade em que o ar cheira a sangue e carne queimada. A brisa traz o pranto débil de corpos mutilados  
que dão seus últimos suspiros. Caminho entre eles. Faltam-lhes pernas e braços; seus intestinos estão expostos, atravessam os buracos de bala em seus estômagos;  
massa encefálica sai por seus ouvidos e narinas. As moscas estão tão excitadas e intoxicadas que caem nas poças de sangue e morrem. Os olhos dos que estão quase  
mortos são mais vermelhos do que o sangue que sai deles, e parece que seus ossos  
vão rasgar a pele de seus rostos tesos a qualquer instante. Eu viro meu rosto para o chão para olhar meus pés. Meus tênis esfarrapados estão encharcados de sangue,  
que parece escorrer da minha bermuda do exército. Como não sinto dor física, não tenho certeza se estou ferido. Consigo sentir o calor do meu rifl e AK-47 nas minhas costas; não lembro quando atirei com ele da última vez. Parece que meu cérebro foi perfurado por agulhas, e é difícil saber se é noite ou dia. O carrinho de mão à minha frente leva o corpo de um menino embrulhado em um lençol de cama branco. Não sei por que estou levando este corpo específico ao cemitério. Quando chego lá, luto para levantá-lo do carrinho de mão, como se o corpo oferecesse resistência. Carrego o corpo nos braços procurando um lugar adequado

para seu descanso. Meu corpo começa a doer e não consigo levantar nem um pé sem que eu sinta uma fi sgada de dor que vai dos meus pés até a espinha.

Desabo

no chão e abraço o corpo junto a mim. Manchas de sangue emergem no lençol, cobrindo-o. Ao colocar o corpo no chão, começo a desembrulhá-lo, iniciando pelos pés. O corpo está coberto de balas até o pescoço. Uma das balas estilhaçou

seu pomo-de-adão e jogou os restos para o fundo da garganta. Levanto o lençol que cobre o rosto do morto. Estou olhando para o meu próprio rosto.

Continuo deitado suando por alguns minutos no chão frio de madeira onde havia caído, antes de ligar a luz para me livrar completamente do mundo dos sonhos.

Uma dor aguda correu pelas minhas costas. Observei a parede de tijolos vermelhos

expostos do quarto e tentei identi car o rap que saía de um carro na rua. Um arrepio

percorreu meu corpo, e tentei pensar na minha nova vida na cidade de Nova York, onde eu já estava havia mais de um mês. Mas minha mente atravessava o oceano

Atlântico de volta a Serra Leoa. Eu me via segurando um AK-47 e caminhando por uma fazenda de café com um pelotão de muitos meninos e uns poucos adultos. Íamos atacar uma cidadezinha que tinha munição e comida. Assim que saímos do cafezal, demos de cara com um grupo armado num campo de futebol vizinho às ruínas do que um dia havia sido uma aldeia. Abrimos fogo até que o último ser vivo do outro grupo caiu no chão. Andamos até os corpos, batendo uns nas mãos dos outros em comemoração. O grupo também era de meninos bem novos, como

nós, mas não nos importamos com eles. Pegamos sua munição, sentamos sobre os

corpos e começamos a comer a comida cozida que eles levavam. Ao nosso redor, sangue fresco vazava através dos buracos de bala em seus corpos.

Levantei do chão, molhei uma toalha branca com um copo d'água e a amarrei em volta da cabeça. Eu estava com medo de dormir, mas fi car acordado também me trazia lembranças dolorosas. Lembranças das quais às vezes eu gostaria de

me

livrar, apesar de saber que são uma parte importante do que é minha vida, de quem

sou agora. Fiquei acordado a noite inteira, esperando ansiosamente pela luz do dia, para que eu pudesse retornar por inteiro à minha nova vida e reencontrar a felicidade que conheci quando criança, a alegria que havia permanecido viva em mim mesmo em épocas quando estar vivo havia se transformado em um fardo. Hoje vivo em três mundos: meus sonhos, e as experiências da minha nova vida, que desencadeiam memórias do passado.